

Guilherme Zarvos: poesia e política

Por Renato Rezende

Num email enviado para mim desde Berlim, para onde voltou depois de vários anos em busca de material para sua tese de doutorado, Guilherme Zarvos escreve: “Necessitar ir para poder voltar... Está visto e confirmado que a Alemanha dos alternativos e Kreuzberg foram fundamentais para pensar o CEP. Minha forma de ser político e escritor e ver com a forma poesia e crônica as milhares de pequenas histórias, enormes mínimas”.¹ Na efervescente Berlim momentos antes da queda do muro (um dos eventos mais emblemáticos para a consolidação da pós-modernidade) surgiu o modelo para o movimento pós-moderno carioca que indubitavelmente representou e ainda representa o projeto CEP 20.000. No *Inventário*, publicado em celebração dos 10 anos do CEP, Zarvos rememora:

Tinha voltado de Berlim, onde passara 8 meses, onde desistira de fazer doutorado em Ciências Políticas, onde convivera com os alternativos, em Kreuzberg, até 2 meses antes do Muro cair, vendo a distribuição de panfletos... dando a direção dos melhores bares e festas libertárias. Eu queria voltar para o Brasil. Lá não era minha terra. Mas queria manter o mesmo tipo de vida. Juntar gente que estivesse procurando um caminho que envolvesse arte. O Brizola era candidato a presidente, era 1989, voltei para fazer campanha, o Brizola perdeu, eu vivia na porta do Baixo Gávea, todas as noites tinha uma rapaziada muito especial, era ali que me sentia integrado.

Havia trabalhado de 83 até 87 com Darcy Ribeiro e o procurei para falar da idéia de realizar encontros que unissem juventude e poesia. Ele me falou para conversar com o Gerardo de Mello Mourão, que sendo poeta e estando na Secretaria Municipal de Cultura, poderia apoiar uma ação nessa área. Surgiu o Terça-Poética, na Faculdade da Cidade...²

Jovem ensaiando uma carreira política, engajado ao PDT de Leonel Brizola, de 1983 a 1987 Guilherme Zarvos trabalhara como assistente direto de Darcy Ribeiro, que havia sido seu professor e talvez a pessoa que mais lhe influenciou intelectualmente. Nas eleições de 1986, Darcy Ribeiro era candidato ao governo fluminense e Zarvos a deputado

¹ Email para o autor em 28 de maio de 2007.

² Zarvos, Guilherme “10 anos de CEP 20.000” em *CEP 20.000 – Inventário 1990-2000*. Edição independente patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura, RIOARTE, Prefeitura do Rio, 2000, e editada por Chacal, Guilherme Zarvos e Michel Melamed, p. 5.

estadual. Com a derrota de ambos, como elabora em uma entrevista ainda inédita³, instalou-se uma crise quanto ao melhor lugar para uma *atuação política* efetiva de sua parte. A diferença que sentia em relação ao *modus operandis* da maioria das pessoas com quem convivera nos corredores da política, sua evidente vocação para a agitação cultural, a produção literária em diálogo aberto e o contato direto com as pessoas pareciam apontar para um outro caminho. Nesse processo de reciclagem, Zarvos, então com 29 anos, parte, “doido e mochileiro”, para uma viagem que o levou ao Egito, Israel, Índia, Nepal, Hong Kong e finalmente Berlim. Identificado com a cidade, com sua atmosfera agitada e libertária, decidiu que ali seria o lugar ideal para um doutorado. “Mas daí as situações se impuseram de outra forma”.

O Terça-Poética foi a semente do projeto CEP 20.000 e de seus múltiplos desdobramentos que continuam a acontecer até hoje⁴. No último dia dos encontros, que reunia a garotada em torno de poetas e críticos literários já consagrados (como o próprio Gerardo de Mello Mourão, Ferreira Gullar, João Cabral de Mello Neto, Chacal, Heloisa Buarque de Hollanda e Silviano Santiago), numa conversa entre Zarvos e Carlos Emílio Corrêa Lima, que então trabalhava no RIOARTE, a idéia nasceu. De acordo com o testemunho de Carlos Emílio, publicado no já citado *CEP 20.000 – Inventário 1990-2000*, na hora de assinar o termo oficial da prefeitura criando o CEP 20.000 sob a responsabilidade de Carlos Emílio (que cuidaria do jornal) e Zarvos e Chacal (responsáveis pelos eventos do CEP no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá), Tertuliano dos Passos, então coordenador editorial do Rioarte e da Fundação Rio, virou-se e disse: “Carlos Emílio, você me garante que não vai haver gente fumando maconha lá dentro do teatro Sérgio Porto?”. Carlos Emílio continua: “Eu sorri e disse que isso não era da nossa conta. Aí ele assinou...”⁵

Desta forma, com pouca, mas fundamental ajuda financeira do Estado, e muita liberdade, nasce o CEP 20.000 para se firmar como uma verdadeira heteropotia⁶ – com toda

³ Concedida a Sérgio Cohn, Pedro Cesarino e Renato Rezende para a revista *Azougue* n. 11-14, 2008.

⁴ Para citar apenas alguns, desde a criação do CEP até o presente: as edições do CEP em vários subúrbios cariocas, além de manifestações em Fortaleza e Buenos Aires; as Lonas Culturais; as diversas publicações, em especial as revistas *L&A* e *O Carioca*, os eventos no MAM, o CEP Vintemílica, o FalaPalavra, etc.

⁵ *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*, p. 32.

⁶ No ensaio “Outros espaços” (*Ditos e escritos Vol. III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense, 2006, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa) Michel Foucault elabora o conceito de

a potência transgressora e revolucionária deste conceito – dentro do cenário cultural do Rio de Janeiro. A estréia foi no dia 22 de agosto de 1990. De lá para cá, muita água, muita poesia, muita música, muito teatro, muitos encontros, muitas performances, muitas coisas rolaram. Quem viveu diz:

fui até o espaço Sérgio Porto com o Arthur Omar, ambos convidados pelo Chacal para o novo evento de poesia que ele havia arquitetado junto com Zarvos e Carlos Emílio: não sabíamos no que ia dar, mas não havia como não por o pé na estrada: os tempos eram bicudos: fossem bicos ou biscates, mesmo sem pagamento, valia pena rir para não chorar: estava todo mundo nu com a mão no bolso; todo mundo *durango kid*: sem um centavo...

a poesia saía do lenga-lenga insuportável dos sarais acadêmicos e oficinas literárias para conquistar o espaço integrando diferentes linguagens artísticas e multifacetados estilos de expressão sem reduzir-se ou adaptar-se a nenhum deles

o CEP não nasceu para mudar o mundo; mas mudou a maneira com que o mundo pode ser mudado: veio na veia, na base do tudo ou nada; veio relampejando e iluminando trovoadas...⁷

(Tavinho Paes, poeta, compositor, presente no dia da estréia e colaborador até o fim da primeira temporada, quando a prefeitura não aceitou aumentar o financiamento do projeto)

O Centro de Experimentação Poética – criado por Guilherme Zarvos e Chacal, em 1990 – é, ao mesmo tempo, um palco de livre circulação de arte e um espaço de livre circulação de pessoas. A princípio, o cerne do evento é a poesia falada. Mas essa especialização se estende democraticamente na direção da música, da performance, do teatro, da dança, do cinema e de qualquer outra arte ou mídia que venha a nascer ou que tenha aqui sido esquecida. O artista se mistura com o público – e, na maioria das vezes, é mesmo do meio da platéia que ele surge caminhando na direção do palco, após

heterotopia. Segundo o filósofo, estamos numa época que privilegia o espaço e suas relações. Enquanto na Idade Média a noção predominante de espaço era de *localização* (a hierarquia cosmológica da época distinguia claramente o lugar celeste do lugar terrestre, e isso era refletido nas relações políticas e sociais), a partir de Galileu (com a constituição de um espaço infinito) a *extensão* toma o lugar da localização, para enfim chegarmos na época atual do simultâneo, da justaposição, da proximidade entre o próximo e o distante, do disperso, uma época em que “o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de *posicionamentos*”. Dentre esses posicionamentos, as utopias e as heterotopias “têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas”. No entanto, enquanto as utopias são essencialmente irreais, as heterotopias (como o lugar onde o reflexo espelhar da utopia se dá no mundo real) são “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis”.

⁷ Paes, Tavinho “CEP 20.000 x 15 [acerto de contas]” em *Cepensamento 20000* (número 1). Rio de Janeiro: Azougue editorial e CEP 20000, 2005. Organização: Guilherme Zarvos, pgs. 18-19.

ter sido evocado por um dos que, por ventura, estejam apresentando o CEP naquela noite – e o novato com o mestre.

Todos que realmente se atiraram nas profundezas do evento pensavam que dali brotaria uma nova ordem cultural, como um tropicalismo ainda com mais balanço, menos comprometido, menos pragmático, mais lúdico, e por isso, mais contundente. Um assalto poético que, pelo vento, tomaria conta primeiro dos pulmões cariocas, para depois chegar aonde nosso mais audacioso prognóstico nem imaginava.⁸

(Vitor Paiva, poeta, músico, colaborador desde chegada “tardia” em 1999 até 2002)

não o curador que seleciona ou refuta de acordo com suas idéias estéticas ou profissionais, não é isso, o CEP é praticamente aberto a todos

Tudo que não tinha enquadramento, ou que não se encaixava em espaços culturais ou teatros ou shows por ser insólito ou por não haver artista consagrado, ia impreterivelmente parar no CEP

A contemporaneidade nos ensina que o artista não mais possui fronteiras. Também não sabemos o que sobrou da poesia, teatro, pintura.

O trabalho de Michel Melamed é teatro?

O trabalho de Michel Groisman é dança?

O Chelpa Ferro é artes plásticas?

Hapax é música?

Eu sou um babaca?

Todas as artes se misturam na tentativa de sobrevivência.

Como no restaurante a KILO⁹

(Domenico Lancellotti, poeta, baterista, artista plástico, co-editor de uma “revista-calendário” do CEP em 1998)

O CEP não é um lugar. O CEP é um convite, uma proposta, uma creche de lunáticos que salvam o mundo com seus pavios acesos na ponta de suas almas vibrantes. De lá para cá, venho explodindo diversamente. Venho aprendendo a explodir, com todas as dificuldades do ofício...

O CEP me inspira a pensar e propagar a idéia e a vontade de mudar o que se classifica como geração, como tempo envolto por gerações...

⁸ Paiva, Vitor “Sobre vivências” em *Cepensamento 20000* (número 1), p. 23.

⁹ Lancellotti, Domenico em *Cepensamento 20000* (número 1), p. 84.

Ou seja, acho que o CEP oferece, naturalmente, uma lucidez. O CEP oferece uma parceria, uma dança com o que está acontecendo e uma soma ao que está acontecendo...¹⁰

(Botika, escritor, músico, colaborador a partir de 2000)

Se por esses relatos fica claro o caráter heterotópico do CEP 20.000 em relação ao *mainstream*, o projeto carrega consigo também algumas marcas características dos movimentos pós-modernos. Uma delas é a diluição das fronteiras entre as artes (fronteiras estas ferozmente guardadas pelo conceito de especificidade de cada gênero artístico promovida pelo projeto modernista). Outra, não menos importante, é a sua relação com o poder. Ao contrário das vanguardas modernistas, que lutavam umas contra as outras e contra os movimentos culturais e artísticos que as precediam, num constante esforço pela hegemonia cultural e embate entre inovação e tradição, num momento pós-modernista os bens culturais da tradição elevam-se à mesma plataforma do possível ao lado das novas tecnologias e todas (ou quase todas) as escolas artísticas, que se tornam “produtos” disponíveis por seu mero valor de uso, liberadas de sua carga histórica¹¹, enquanto “a tendência é a busca da separação entre saber e poder: o saber não deriva do poder, o saber está à deriva em relação ao poder. O poder não é a meta, o que se busca é a autonomia”.¹²

Mas assim como a valoração igualitária de todos os bens culturais promovido pela estética pós-moderna não representa necessariamente uma perda em relação às conquistas modernistas nem tampouco uma submissão à indústria cultural e ao poder dos meios de comunicação em massa, a separação entre saber e poder não acarreta obrigatoriamente uma postura apolítica, uma incapacidade de separar o joio do trigo. Pelo contrário, pode

¹⁰ Botika “Cep 20000” em *Cepensamento 20000* (número 1), p. 133.

¹¹ Dou como possível exemplo a recente publicação (em outubro de 2006) de livros individuais de três jovens poetas membros do coletivo “Os sete novos”. Os amigos Domingos de Guimaraens (também artista visual e performer), Mariano Marioatto e Augusto de Guimaraens Cavalcanti lançaram (durante um evento do CEP no Sérgio Porto) e promoveram seus livros juntos, muito embora cada um deles parta de extrações poéticas diferentes e (até o final do século 20) antagônicas: Mariano da vertente modernista culta de Pound e Eliot e dos concretistas paulistas, Domingos do simbolismo (ignorando de certa maneira tudo aquilo que parece caro a Mariano) e Augusto de uma tradição mais recente do pop e da melhor poesia de extração marginal (leia-se Ana Cristina César). Ver Rezende, Renato. “Boas estréias de um coletivo poético singular”, caderno *Prosa & Verso*. O Globo, 16/12/2006.

¹² Coelho, Teixeira “Pós-modernidade: ‘paradigma de todas as submissões?’” em *Moderno pós moderno*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 216. O autor continua: “Não há heróis e vanguardas na autonomia; uns e outros prevêm o fenômeno da filiação, da subordinação, enquanto na autonomia o que há é um suceder simples de movimentos que se ligam por coordenação. Na autonomia existem apenas os co-manianos, como na utopia de Fourier: todos coexistem, assumidas como tais, fugindo da monomania neurótica, terrorista. A vanguarda e o herói, assim como o poder, são desnecessários”.

significar uma atitude fundamentalmente política. São conhecidas as relações entre ideologia e estética, e não são poucos os autores contemporâneos que têm se dedicado a estudar as implicações do advento da estética na cultura ocidental (desde que o termo foi cunhado por Baumgarten em 1750, ou seja, na aurora do Iluminismo, da modernidade) e suas relações com a política, a estrutura social e a forma como o homem experimenta o mundo e a si mesmo. Assim, o crítico literário marxista Terry Eagleton afirma na introdução de seu *A ideologia da estética*: “Meu argumento, *latu sensu*, é de que a categoria do estético assume tal importância no pensamento moderno europeu porque falando de arte ela fala também dessas outras questões, que se encontram no centro da luta da classe média pela hegemonia política. A construção da noção moderna do estético é assim inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes moderna, e na verdade, de todo um novo formato da subjetividade apropriado a esta ordem social.”¹³ Para além do uso da arte como mensagem política ou da estetização da política (como apontado por Benjamin), há uma relação mais profunda e visceral entre o estético e o político. Essa relação há anos tem sido o foco de estudo de Jacques Rancière na Universidade de Paris VIII. Segundo ele, existe na base da política uma estética que determina maneiras de estar em comunidade, que aponta aqueles que tem competência para enunciar, que determina o teor da experiência dos espaços e dos tempos. “É a partir dessa estética primeira que se pode colocar a questão das práticas estéticas, no sentido em que entendemos... como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que fazem no que diz respeito ao comum. As práticas artísticas são maneiras de fazer que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade”.¹⁴

Embora financiado pelo Estado (mas, como disse Chacal: “cada centavo investido no CEP, como bem disse o poeta e visionário Ronaldo Bastos, voltou multiplicado. Todo

¹³ Eagleton, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução de Mauro Sá Rego Costa., p. 8.

¹⁴ Rancière, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. São Paulo: editora 34, 2005. Tradução de Mônica Costa Netto., p. 17. Nesta obra, Rancière define a partilha do sensível (conceito cunhado por ele para estabelecer as bases das relações entre estética e política) da seguinte forma: “Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”.(p. 15).

esse dinheiro, em dez anos, talvez seja menor que o orçamento de um curta metragem”¹⁵) e ser um movimento predominantemente da classe média jovem da zona sul carioca (“Éramos filhinhos de papai, entre a classe média baixa e alta, com tudo nos bolsos e não nos sentíamos bem vindos”¹⁶), o CEP 20000 fez e faz o esforço de ir além de suas fronteiras etárias, geográficas e sociais,¹⁷ criando um espaço *outro* na cena cultural carioca e estabelecendo novas maneiras de produção (coletivas e espontâneas, por exemplo) e contaminação artística. Há uma proposta radical de justaposição dos gêneros artísticos, aceitação democrática de todas as vozes e formas de expressão e um verdadeiro espírito de inclusão¹⁸ e comunhão. Segundo Tavinho Paes, havia uma “pauta de posições que tinha como finalidade reunir diversos segmentos criativos numa miscelânea de gerações sem vínculos entre si e sem metas determinadas”¹⁹. Para Michel Melamed, um dos mais assíduos e entusiasmados colaboradores do CEP, há “um movimento sem unidade estética ou conceitual, mas a afirmação da multiplicidade como unidade”, um “desejo e necessidade de continuidade-ruptura” e “entretenimento não com anestésico.”²⁰ Na análise do compositor, poeta e ensaísta Francisco Bosco: “Recusando-se às limitações da cultura midiática, o CEP se apresenta como um espaço de criação/veiculação de outras linguagens, fundando-se, portanto, como espaço alternativo: alternativo não somente em relação à linguagem midiática dominante, mas também em relação a si mesmo, pois em seu interior

¹⁵ Chacal “O CEP é um centro” em *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*, p. 3.

¹⁶ Paiva, Vitor “Sobre vivências” em *Cepensamento 20000* (número 1), p. 23.

¹⁷ Para confirmar isso, basta folhear a esmo as filipetas convidando para festas e eventos do CEP e que foram resgatadas e impressas em miscelânea no citado *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*.

¹⁸ Esse espírito de inclusão fica patente no hábito de Zarvos de abordar desconhecidos e convidá-los para algum evento, para contribuírem. Seu bordão, “Você é poeta?” acertou em cheio em vários casos. No *Inventário*, Michel Melamed testemunha, “Eu estava com 16 anos = uma gata = um chopp = quando um sujeito que eu não conhecia se aproximou e lascou “você é poeta?”” (p. 10) e também Guilherme Levi, “logo no início de minha carreira de mendigo profissional, num banco de praça onde eu estava sentado aparece um cara de cabelo chanel e do nada senta e começa a conversar comigo. Era o Zarvos. Achei ele meio esquisitão, mas parecia boa pessoal, ele me falou de projetos de poesia nas universidades, colégios, uma coisa mais séria que a poesia que eu estava pretendendo praticar no asfalto” (p. 57). Em *Cepensamento 20000*, Vitor Paiva diz “E fui novamente, e novamente, e em uma dessas idas, se repetiu comigo a cena que nove entre dez artistas que já passaram por lá apontam como seu parto poético: Guilherme Zarvos veio a mim e me perguntou se eu era poeta...e Zarvoleta se tornou assim um amigo infalível, mas também um conselheiro, um parceiro de passos. Alguém que distribui carinho e ética de graça, e essa era a lição” (pgs. 22,23); e Botika, “... e assim, de uma deliciosa treva angelical, gira o rosto de Guilherme Zarvos em minha direção e me pergunta: você é poeta?” (p. 132).

¹⁹ Paes, Tavinho “CEP 20.000 x 15 [acerto de contas]” em *Cepensamento 20000* (número 1), p. 14.

²⁰ Melamed, Michel “Reflexões regurgitifágicas/ não se fazem mais antigamente como futuramente”, em *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*, p. 8.

vigora uma democracia radical, que abriga e estimula a produção de vozes diferentes.”²¹. Ou na maneira quase-manifesto e otimista com que Guilherme Zarvos termina seu depoimento no *Inventário*:

Os palcos do CEP têm a importância de expandir a possibilidade da utilização dos corpos, definitivas marcas da cidade. Têm muitas outras teorias que estamos repartindo nesses tantos anos no CEP e divido com o Michel a idéia de que agora terá de ser um tempo de crescimento, quem sabe o CEP conquistando um teatro, para que mais artistas divulguem seus trabalhos, para que mais pessoas entendam seus corpos, para que novos produtores juntem-se a nós, para que a poesia se junte com a música, que se misture com a dança, e este com o vídeo, daí o teatro, o site, as revistas e por aí vai... Que todo dia cada região tenha pelo menos um CEP.²²

A proposta do CEP 20.000 é política no sentido mais originário do termo, ao propor uma nova forma de relacionamento, criação e fruição artística entre os cidadãos da cidade, da *polis*. Essa proposta (possivelmente não única ao CEP 20.000, mas efetivamente tentada pelo CEP) inclui uma mistura democrática de pessoas e da apresentação de seus produtos artísticos sem a passagem por um crivo seletivo prévio; a promoção de uma indiscernibilidade entre os gêneros artísticos (teatro, performance, música, literatura, etc); a dissolução das fronteiras entre arte erudita e arte popular (poesia falada ou canção x poesia culta); uma fruição coletiva e participativa e também – antenado com a tendência pós-moderna –, a transposição da barreira entre arte e vida²³, entre *atitude* e produção artística. Atitude coerente entre vida e discurso sempre teve Chacal (pilar fundamental sempre presente no palco e nos bastidores do CEP 20.000 desde a primeira hora até hoje) e seus companheiros da Nuvem Cigana²⁴, indubitavelmente um movimento precursor do CEP e

²¹ Depoimento para o *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*, p. 56.

²² Zarvos, Guilherme “10 anos de CEP 20.000” em *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*. pág 6.

²³ Aproximando-se, como bem nota Terry Eagleton em *Teoria da literatura – uma introdução* (São Paulo: Martins Fontes, 2003; tradução de Waltensir Dutra), de “um ressurgimento, em nosso tempo, da vanguarda radical que tradicionalmente perseguia esse objetivo” (p. 319). Talvez não por acaso, ao apresentar seu excelente *Regurgitifagia* no teatro Sérgio Porto, em 2004, Michel Melamed, vestido numa túnica negra de mártir, mendigo e monge, lembrava imediatamente as figuras inesquecíveis das vanguardas européias do início do século 20: o dadaísmo de Tzara, mas mais que Tzara, Hugo Ball, recitando seus poemas sonoros. (Ver Rezende, Renato “*Regurgitifagia – a poesia expandindo suas fronteiras*”, caderno Idéias, Jornal do Brasil, 11/09/2004).

²⁴ Para uma história detalhada da Nuvem Cigana, ver o livro organizado por Sérgio Cohn, *Nuvem Cigana – poesia & delírio no Rio dos anos 70*. Na introdução, Cohn declara: “A Nuvem Cigana, através de suas Artimanhas, realizou de maneira sistemática, pela primeira vez no Brasil, a poesia moderna falada... Nas Artimanhas, a poesia pode finalmente se libertar da solidão do papel para se tornar uma manifestação

também, a seu modo, uma heterotopia. Essa coerência existe em Guilherme Zarvos de maneira mais radical na medida em que seus textos – o próprio *corpo* de sua literatura – são constituídos pelo lugar de confluência entre a poesia, o discurso político, o relato biográfico, o apelo ao diálogo, a missiva, o manifesto e outras vozes²⁵, numa mistura de gêneros e intenções que por sua vez se confundem com seu trabalho como performer²⁶ e ativista cultural. Seu texto publicado no já citado *Cepensamento* serve como um bom exemplo:

CEP 15 ANOS

1

Toda dor que explode é de cada um
A sensação que toma o corpo desamarrado

Ontem um casal simpático – a moça pensou
Que tivesse esquecido sua bolsa na minha casa –
Havia convidado-os na madrugada para qualquer
Interação – o casal – eu estava fora – arrebentou
Minha porta com o respeito do coice – cheguei
Em casa e vexado olhei imaginei o dissabor para
Os vizinhos – a síndica solidária o porteiro da noite
Que deixou o casal subir ainda quis me dar lição de
Sabedoria minha raiva crescia e fiquei calmo. Dormi.

No outro dia um bilhete com dois erros crassos da língua
Ela devia estar com pressa pedia desculpa rápida e disse
Que voltaria para cobrir algum prejuízo – não voltou.

coletiva. Para usar a feliz expressão de Chacal, o Brasil descobriu ‘a palavra propriamente dita’”, p. 5. Outra boa fonte de informações sobre a Nuvem cigana e outros grupos da chamada ‘geração mimeógrafo’ dos anos 1970 é *Impressões de viagem*, de Heloísa Buarque de Hollanda.

²⁵ Ver Rezende, Renato, “Zarvos, a liberdade pela palavra escrita”, caderno Prosa&Verso, O Globo, 13/11/2004.

²⁶ Ver, por exemplo, *Muro Burro / esmaguem D. João VI*, vídeo registrando a performance de Guilherme Zarvos e Domingos de Guimaraens (com a coloração de André Brito, Marcus-André, Cecília Pavon, Renato Rezende e outros) no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) durante o evento “O museu como obra de arte”, domingo 29/04/2007, com a curadoria de Cláudia Saldanha.

Naquela noite havia brigado mais uma vez com um
Gerente de uma livraria do Leblon que fica aberta 24
Horas. Um lugar de baixo nível intelectual e com um
Bom sanduíche. Apenas apareço neste lugar maldito
Pois um amigo cismou de se encastelar por lá – pobre
Rapaz que sempre exagera nas histórias em que se
Justifica – citando meus excessos meus rompantes quando
Bebo demais – para me julgar e faz sua cara de justo
Ex-alcoólatra – tão feliz na sobriedade do pó por hoje que
Não consegue enxergar que minha exaltação é claro o álcool
Empurra é o desespero de ver tanta má educação reunida
Num lugar sem nível onde pequeno para seu possível
Porte abanca-se o amigo recém chegado à Zona Sul
Da cidade quando a calamidade já tomou
O lugar de onde houve sincera amizade. Quem viveu os 70
No Leblon que fale. Ao lado outro velho amigo que pensa que
Tem educação de marquês me belisca para que eu não
Respondesse ao pulha que me agredia como dedo em
Riste e o amigo querido de Lição do Galo, o religioso, sussurrava
Que eu havia criado problema com a filha do dono e portanto
Com o miserável capacho que colocava
Seu dedo sujo perto do meu nariz. Devia estar sujo igualmente.
Não entendi por segundos o que estava acontecendo o que
Está acontecendo até perceber que a filha do dono do
Estabelecimento – deve estar faltando alguma coisa na sua
Residência – havia avisado para o gerente puxa-saco que eu
Colocara o sanduíche na sua conta. O gerente ignoto
Quando viu o equívoco continuou a vociferar algo
Sem força. Por menos Bilac e sua turma mudaram de bar faz
Muito tempo. Hoje é tempo de salve-se qualquer um e meu
Amigo que vivemos várias e sempre estive ao seu lado e
Ele ao meu, falará era porque bebia – falarei que infelizmente
É tempo e nome de caráter menor fingiu que nada
Era com ele mesmo sabendo que só entro naquela espelunca
Do demo do tutu para estar com ele. A covardia
Do marquês já conheço e faz parte de sua educação
Principesca. Esquece o marquês pois só lembra do que quer
Apesar de sua grande cultura que o significado de covardia

Para os aristocratas é completamente outro. Não é a do
Burguês. Afasto-me.

Escrevo mesquinhas. Parece tão rude com amigos tão
Próximos. Como aquele que me convidou para partilhar por
Alguns meses sua casa pois a minha estava sem
Condições e com poucos dias me pôs para fora. Havia morado
E aprontado todas por quase cinco anos na minha
Em tempo de grandes aflições em sua vida. Cada um
Apontará a bebida como causa e eu direi que o comportamento
Facilitador dos acomodados dos bichanos dóceis é que
Os faz impacientes. Entendo o fim de vida de muitos alcoólatras
Cultos. O afastamento desse tipo de amigo. A questão é
Mais profunda. Aproxima-se dos direitos individuais. É o
Motivo de minha escrita não fuxico sobre amigos que pensei
Mais profundos. Tomara que suas poças permaneçam
Limpas. Farão de tudo por posses. Mundo acumulador de merda.

2

Dia de cão. Penso nos 15 anos de CEP com alegria porém
É dia de cão. Dizer que Michel Melamed me censurou no seu
Programa pois falei de política. No seu programa falar de cultura
É algo que lembra balé russo antes de 1917. Não afirmo
Que foi certamente melhor tão mais tarde. Melamed – nem sei
Se feliz num grupo de famosos – diz não ter tempo
Não é prioridade escrever um texto para o aniversário de 15
anos do CEP. Quando faz parte do seu figurino me
Elogia elogia o CEP porém prefere gastar seu tempo
Em rodas mais velozes em sua cabeça ora veloz ora lerda.
Chacal que já no primeiro ano tentou me passar a
Perna, Tavinho Paes que o diga, depois que parou de
Beber tenta me olhar com despeito. Onda Chacal
Respeitável não tem o que me ensinar nem eu a ele. Que deixe
Seus dentes que não mordem comendo papinha
Natural e fazendo movimentos no Jardim Botânico. Como
Provavelmente morrerei antes fará grande discursos
Sobre minha trajetória. Sempre foi proibido

Falar de política no CEP. Hoje bem menos se é que há CEP e
Ericson Pires era o único a compreender além e não que
Não possamos nos xingar porém neste minuto quero elogiá-lo.
Vive Mosé que vi crescer no movimento chegou até as câmaras
da Globo no domingo maior e tem visto que mostrar a
Cara apenas para vender mais livros não é
A dela. Quer mais empenho e não joga fácil. Sérgio Cohn
que chegou depois e com a sua Azougue casou-se é pai, tem
trabalhado com a Anna da Dantes e poderão ajudar
Rio ganhar saúde. O mesmo do Radial e Ralador. Todos
Nós com nossas diferenças e mapeamentos vários
Nos amalgamando. O CEP ajudado pela RioArte, logo
Pela prefeitura. Duraria o CEP 15 anos sem a ajuda do poder
Público? Nunca entendi o porquê deu Chacal e Michel
Não ultrapassarmos com facilidade para além dos umbrais
De governos para produzir o CEP. O Vitor Paiva
Também tentou viu dificuldade e escreveu um belo artigo
Dizendo que o CEP deveria ter o tamanho que estiver
Tendo. Gosto porém não é suficiente. Faço um
Doutorado para me obrigar a entender melhor o mecanismo.
Este texto mecanismo. Valeu a pena? A calça zuarte
Combinando com a camisa social desleixada
Cai-lhe bem. Carlos Emílio expulso da cidade Rio
Sem devido reconhecimento em 1997 se auto-expulsando
Em 2005 Fortaleza que lhe bem acolhe. Uma coluna do JB em
1990 escreveu ajudem o poeta Chacal. A ajuda veio. Agora
É a hora de Carlos Emílio. Fez muito bem para o Rio ignorante
E vários do sucesso a qualquer pressa deveriam
Apóia-lo. Ele merece ele merece. Da garotada
Talentosa do CEP depois de 2000 – Domingos, Vitor, Botika,
De la Rocque, P. Fichtner, Tarso, Daniel, Natalia, Rod, Raissa
Biolchini e tantos mais só agradecimentos e espera. Ainda
Não é tem po de fala fala.

3

Ontem emprestei meu carro para um rapaz da pista – é claro queria me aproximar do bonitão e
dormir em sua casa em Austin em Nova Iguaçu – ele não havia me pedido. É que na madrugada não

tem nem van perto de sua casa puxado da casa da mãe numa rua sem calçamento e pouca luz e o rapagão queria encontrar uma ex-namorada e falou que voltaria logo. Retornou cinco horas depois. Normal normal depois de ler uma Sur dos anos 50 que comprei em Buenos Aires e uma Encontros com a Civilização Brasileira herança da minha mãe pensava na revista ou livro que está na sua mão e já tinha se passado quatro horas e eram apenas 4 horas da madrugada comecei a falar poesia bem alto para atrapalhar o sono dos vizinhos de Austin e da mãe do campeão que disse para eu ir embora e expliquei que não podia já que não era de Austin, não estava no centro de Austin onde o campeão lustrava-se com meu carro ou fazia coisa pior que de lá eu não sairia e fui obrigando ela sem saber a senhora mãe e agora já chegar o pai a me fazerem companhia mesmo que discutindo pois sozinho no puxado não ficaria e havia uma pequena chance de ter acontecido problema com o campeão e teria que esperar o dia nascer para ir procurá-lo em lugares terríveis, e ele finalmente chegou guiando o carro e dois amigos na sua moto. Normal normal. Para mim não tem nada de normal e o descaso está cada vez maior e a falta de palavra e de ligação de lealdade diminui cada vez mais só não diminui nos grupos específicos de bondes igrejas turmas tudo muito restrito e pouco admirável para quem quer uma sociedade libertária. Se Bauman usa a modernidade líquida para descrever essa decadência de mercúrio ou naturalidade de água na lama o CEP 20.000 foi criado para juntar ter solidariedade os praguejadores das praças livres. Vários estão escrevendo neste produto que cada um poderá emprestar aos amigos principalmente de outras cidades para que mais CEPs sejam criados. Estamos tentando aumentar o comboio e organizarmos a loja onde CEP Ralador Zona Franca Eloiza Cartonera e vários tenham um ponto de encontro e um site comum para que ninguém seja identificado como dono mor da nau que um dia partiu. Cada um será e não será como um belo fado ou fada. As possibilidades do contemporâneo no Ocidente para os médio dinheiro e bastante conhecimento é enorme já que pode-se escrever da forma e com o som ou suporte que se quiser. Vários juntam tudo aí e residem possibilidades que Heloisa Buarque chamou de fim da genialidade. Segmentação de qualidade. Trabalhar com a qualidade mesmo com precariedade financeira. O compositor Lobão acumulador nos anos 80, bom acumulador, gerador de potência, um pouco antigo mas funcionando bem, participou de um encontro numa mesa em que eu e Ericson defendíamos a democratização radical e portanto a democratização dos recursos que muitas vezes gerariam produtos, esta palavra é do Ericson, não a utilizaria antigamente, como ele diz que é hora de trair conceitos, utilizo, com certa precariedade que gerariam outros produtos criações menos precárias ou necessitantes de maior infra-estrutura e logo de capital e não esse afã de chegar lá que não é lugar algum que teve no liberalismo dos 80 um marco e os big brothers um decadência já que um mal pastiche e que vai funcionando e cada vez mais pessoas pulando fora da barca desses insensatos entrando naus de outros insensatos ou sensatos que não desejem tanta acumulação. O velho Lobão não gostou da teoria dizendo que vendia 100 mil revistas discos e ninguém sabia o que ele estava fazendo. O ego é grande né Lobão. Vós mecê está numa de conde e seu ex-sucesso tão sempre perseguido que sempre me lembra que por eu não ter vivido este estado de se engraça não posso saber a sensação. Sem essa barão!

Comemoro 15 anos de CEP com este texto confuso onde alguma teoria alguma poesia alguma prosa alguma memória se confundem. No Inventário dos dez anos tudo era alegria e portanto apenas parte da verdade. Para que o CEP possa chegar aos 20 é necessário produzir mais eficiência e pensamento. Qual a diferença de um CEP e a carreira do Rei Roberto. Afinal o Rei produziu cinema música poesia juntou gente alegrou milhões de pessoas. Qual a diferença do meu doutorado na PUC e o CEP. Afinal lá se produz pensamento ideologia e dá poder. Existe política na carreira do Rei. Chacal, numa frase feliz, faz cinco anos, dizia que todo o CEP custou menos do que um curta de mercado. Custou. Agora há um pouco mais de tutu que a prefeitura continua a nos dar. O livro é uma prova. Quanto ganhou(?) a Dri para elaborar o livro. Os colaboradores o editor os curadores. Puquito ou n(a)d(a). Há alguma diferença entre a carreira do Rei o diploma da PUC e o CEP. Quando comecei o CEP quando nos juntamos estava saindo do dia a dia da chamada política real e entrando no mundo das artes. Os interesses são menores mas a sistemática muitas vezes se parece. Cada uma das centenas de pessoas que se envolveram com o CEP tem sua imagem na cabeça e o mesmo se dá no CEP ou numa tribo indígena. Tudo bem. Mas algo tem que juntar para que junto fique. A tal lei da fatalidade. Terminar este texto que se alonga como um tedioso argumento cujo insidioso intento, pergunte ao Eliot é não me pergunte a razão. Discordo. É para além do saber do jorro e da beleza para além das máscaras palhaças para além da falta de educação gerada pelo poderoso (s) gerador do cérebro de titica que domina o país que utopias sem inocência podem ser vividas. A cada um o seu e dinheiro pouco ou nAdA. É um caminho de diferenciação para juntar com liberdade sempre nômade e sempre praça gente que se afina no momento para produzir ou viver criação. No resto outros trabalhos poderão pensar o CEP, desde um sociólogo conversando com funcionários do Sérgio Porto e do RioArte para saber de singularidades não mencionadas aqui até a leitura acadêmica da produção poética advinda do movimento. É difícil aparecer gente que queira viver um sonho tão velho como o CEP. Pegar nas mãos o legado e passar para outro. Ai Michel como tu faz falta. Ainda não é hora de parar. É a de continuar pulando fora. É hora de consolidar memória para que não se invente histórias fáceis falsas demais. Já que a verdadeira, relativamente, relativamente, mente, mente. Coração coração outras formas estão se dando e o CEP foi um protegido da cidade. Menos do que o time do Flamengo ou de outros jogadores e banqueiros bem pagos. A opção da grana que rola grande a opção do mercado ou do exagero do nome sempre foi uma discussão interna pelos que fizeram o CEP. Não acredito na bolada sempre certa sem inovação do trabalho. Insisto. Muito menos na bolada fiduciária. E é assim que se faz. O patético jogo da facilidade do mercado do entretenimento ou da manutenção do poder. Vários imitando-se ou envelhecendo precocemente. Muitos que conheci sim. Muitos que conheci não. Sigamos então o beijo a cada um que não conseguirei deixar de amar. O CEP consolidou meu fazer e meu amar. Para mim é muito.

Há, neste texto exemplar, um evidente desencanto, marcado, ao mesmo tempo, pela esperança²⁷. Se o desencanto é o fruto inevitável de toda utopia não realizada ou apenas parcialmente realizada²⁸, no caso de Zarvos há uma obsessiva procura pelas causas dos sucessos e insucessos do projeto e, explicitamente, um posicionamento bastante crítico em relação aos seus companheiros – ao lado de um profundo afeto. Nesse “tempo de salve-se qualquer um”, de atitudes individualistas e valores neoliberais, o mundo é “acumulador de merda”. Zarvos, no entanto, é uma espécie de *desclassificado* (do lado de fora da estrutura das classes sociais, suas aspirações e simbolismos), e pode colocar-se de forma oblíqua em relação a este mundo. Filho da jornalista Tereza Cesário Alvim e de um próspero empresário de origem grega, o poeta nasceu em berço de ouro com estreitas ligações com a elite financeira e intelectual do país²⁹. No entanto, e não sem desespero, estruturalmente incapacitado de seguir o caminho natural de sua condição social, torna-se uma espécie de *flâneur* contemporâneo, mantendo-se criticamente afastado da máquina social, da engrenagem do mercado, fazendo da escrita ao mesmo tempo sua tábua de salvação e sua arma³⁰. Essa marginalidade do poeta acaba por permitir-lhe um privilegiado lugar de liberdade, desde o qual, engajado politicamente de uma maneira independente e crítica, pode propor, de forma autêntica, uma nova partilha do sensível.³¹

Num dos ensaios da sessão “Políticas dos poetas” de seu livro *Políticas da escrita*, Jacques Rancière analisa o lugar do lirismo na poesia moderna. Segundo o pensador

²⁷ Esta oscilação entre desencanto e esperança fica caracterizada de forma mais pungente em *Morrer*, onde se lê: “Nada vale a pena na sociedade industrial do início de século no Brasil” (p. 49), a partir de onde, como num *afterthought*, o poeta desenha uma seta e escreve à caneta: “vale sim: lutar por uma sociedade mais solidária”. Num email de 14/06/07, Zarvos explica: “O texto foi escrito antes da eleição de Lula. Acho que naquele momento senti alguma posição de esperança e de possibilidades, daí OS MIL PRIMEIROS EXEMPLARES CORRIGI UM POR UM, COMO UMA BOA PENITÊNCIA”.

²⁸ Em seu depoimento, Vitor Paiva continua: “Pois essa revolução formal não veio. Não veio antes, para os primeiros que fizeram o CEP, e nem veio para nós, que entramos depois, assumindo utopias antigas e depositando novas.” “Sobre vivências” em *Cepensamento 20000*, p. 23.

²⁹ Sinto ser completamente justificável – ou, ainda mais, necessário – o emprego de dados da biografia do poeta para a análise de sua obra, uma vez que o uso de elementos biográficos e confessionais é parte seminal e incontornável da estratégia de sua poética. Parte dessa informação biográfica foi retirada da entrevista concedida por Zarvos a Mônica Montone e publicada no site Clube Culturall, http://www.culturall.com.br/poesia/guilherme_zarvos.asp.

³⁰ “Ser margem, desde cedo na sexual, na financeira, na curiosidade, leva-me para a área de impossibilidade de não ser escritor.... Quantas vezes não desejei ser diferente. Escrevi isto; ter uma família, morrer numa cadeira de balanço com minha companheira. Ser um Poderoso. Nada disto foi possível e portanto não é objeto de desejo. Meu primeiro livro foi publicado com 33 anos. Já havia tentado várias saídas, psicanálise, teatro, economia política, política partidária, porém minha fala-falta estava presente e **o escrever me traz potência**”, escreveu-me num email de 03/06/07.

³¹ Ver nota 14.

francês, a tripartição dos gêneros poéticos entre trágico, épico e lírico foi uma manobra retrospectiva feita pelo pensamento romântico, que inseriu o lirismo no par clássico tragédia/ epopéia, pretendendo que ele (o gênero lírico) já existia em Platão e Aristóteles. Na verdade, porém, ainda segundo Rancière, o advento do gênero lírico foi a expressão estética/política de uma poesia não representativa que, por assim ser, recusava o controle filosófico e político implícito no esquema representação/enunciação dos gêneros trágico e épico. Para Rancière, “o lugar do lirismo é um lugar vazio nesse esquema, o de uma poesia in-significante ou inofensiva porque não é representativa e porque não coloca nem esconde nenhum desvio entre o sujeito poeta e o sujeito do poema”.³¹ Assim sendo, ao investir nesse lugar vazio, o lirismo mina os antigos esquemas de representação/enunciação e suas estruturas políticas implícitas e propõe uma nova partilha do sensível.³² Tomando consciência de si mesma, a poesia, no lirismo, cria uma “co-extensividade” entre o *eu* (o eu lírico) e seu discurso, e permite uma forma de o poeta constituir-se e, ao mesmo tempo, como ressonância de seu canto, constituir seu interlocutor, o leitor. Ao investigar a poesia de Charles Baudelaire em seu já clássico *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, Walter Benjamin indica como o poeta parisiense radicaliza ainda mais essa função do lírico, já então embotada, ao, em *Flores do mal*, pela primeira vez “usar na lírica palavras não só de proveniência prosaica, mas também urbana”³³, transmutando o léxico lírico e fazendo dele uma alegoria. É nesse mesmo sentido revolucionário e renovador, e portanto político, que eu leio o lirismo e o confessionalismo exacerbados de um livro como *Morrer*, que ao ser publicado, em 2002, não recebeu nenhuma atenção da mídia ou da crítica, embora seja, em minha opinião, um dos mais potentes livros de poesia publicados no Brasil nas últimas décadas. Em *Morrer*, que é dividido em duas partes, “Morrer” e “Transbordamento”, Zarvos faz de si mesmo um personagem, o Zarvoleta, ao mesmo tempo teatralizando e sendo absolutamente sincero em seus arrebatamentos/desesperos/reflexões e esperanças. O livro termina num misto de

³¹ Jacques Rancière. *Políticas da escrita*. São Paulo: editora 34, 1995. Tradução de Raquel Ramallete, p. 107. O ensaio no qual Rancière desenvolve essas idéias intitula-se “Transportes da liberdade (Wordsworth, Byron, Mandelstam)”.

³² “O lirismo moderno deveria então ser pensado, em primeiro lugar, não como uma experiência de si ou uma descoberta da natureza ou da sensibilidade, mas como uma nova experiência política do sensível ou experiência sensível do político.” Ibid, p. 108.

³³ Walter Benjamin. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Tradução de José Carlos Martins Barbosa/ Hermerson Alves Baptista, p. 96.

posicionamento e diálogo com o leitor (que é sempre tratado como um ser consciente e inteligente) – estratégias típicas da literatura de Zarvos – que transcende quaisquer questões meramente autobiográficas (embora sempre as use como trampolim):

Você está louco: Quanto mais você se envolve
mais você se envolve.

Então é isto. Outro dia li uma autobiografia em
que o importante formador de opinião escreve
que tem uma atração pela beleza masculina, mas
que na prática não realiza a experiência homossexual.

Enquanto isso pipocam nas noites do Rio histórias
de seus affairs com jovens esbeltos.

Pergunto-me, como ficcionista, tendo toda a liberdade
de expor situações bizarras, deixando ao leitor a opção
de acreditar, o motivo que levaria um escritor a manter
uma versão falsa sobre sua sexualidade se ninguém é
obrigado na sua autobiografia a falar de todos os ângulos
de sua vida: – Só pode ser caso de mãe ou pai vivos – arrisca um amigo.

Acredito que exista um espaço em relação ao sexo
e às drogas, com todo o sofrimento que possa surgir
com sua materialização, que o Estado e os moralistas
não detêm a legitimidade de se arvorarem punidores
implacáveis.

**Daí Uma Contribuição Para o Conhecimento da Ação
De Minorias.**

O mundo pode evoluir para uma sociedade mais permissiva
e fraternal. Tratando os transbordamentos com compreensão
e solidariedade.

Na referida entrevista inédita para a revista Azougue, Zarvos advoga a favor de uma “estética da sinceridade”. Em um email do dia 03/06/07 o poeta elabora sobre o tema da seguinte maneira: “A estética da sinceridade é a tentativa de pensar as máscaras e deixar as máscaras moldarem. Porém tendo o compromisso ético que todos os humanos merecem. [...] A estética da sinceridade pode fugir da autobiografia, da escrita confessional sem pulsão. Tem algo de sado-maso..., o poder de encantar, mas tem o ser pedagogo e crente no

futuro melhor. O universo das palavras de colaboradores que não querem que o mundo seja mais libertário, o poder, que varia através da grande mídia e as vanguardas desligadas dos necessitados; sempre estará sendo feita ação para necessitados, mas a completa e obscena junção que o Moderno conseguiu amalgamar até o presente é injusta e ignóbil. Daí a sinceridade para dizer a verdade momentânea e para utilizar a Máscara, mais uma máscara. A sinceridade pode jogar com a força do outro como um lutador de jiu-jitsu.” Tal estratégia de desmascaramento, de uma consciência da máscara inevitável, e de sua utilização para o alcance de uma experiência mais genuína, parece ressoar e responder às proposições para uma superação da estética defendidas por Giorgio Agamben em seu *O homem sem conteúdo*. Grosso modo, segundo o filósofo italiano, cujo conceito de *vida nua* é um dos três tópicos propostos pela Documenta de Kassel de 2007, o julgamento estético, tornando-se o pólo predominante da cultura ocidental a partir de Kant, esvaziou a arte de todo o seu conteúdo, ou seja, de sua capacidade de transmitir e compartilhar uma experiência.³⁴ Desta forma, nada seria mais urgente do que a destruição e superação da estética e o resgate da arte em sua função originária (no sentido da *poiesis* grega, arte como produção: dar presença a algo; ou modo de verdade compreendida como desvelamento) para desviarmos de um destino niilista.³⁵ Para Agamben, a arte contemporânea é mais efetiva quanto mais logra desmascarar suas próprias estruturas, deixar a nu os fundamentos do edifício estético, e apontar para suas falhas e fissuras, transcendendo a dimensão do juízo estético e superando a distância entre a coisa a ser transmitida (a experiência, o conteúdo) e o ato de transmissão.³⁶ Através de uma prática literária neste sentido fundamentalmente *anti-*

³⁴ “Art is now the absolute freedom that seeks its end and its foundation in itself, and does not need, substantially, any content, because it can only measure itself against the vertigo caused by its own abyss.” Giorgio Agamben. *The man without content*. Stanford: Stanford University Press, 1999. Tradução de Georgia Albert, p. 35.

³⁵ “Perhaps nothing is more urgent – if we really want to engage the problem of art in our time – than a destruction of aesthetics that would, by clearing away what is usually taken for granted, allow us to bring into question the very meaning of aesthetics as the science of the work of art” Ibid, p.6. “The examination of aesthetic taste, then, leads us to ask whether there might not be a link of some kind between the destiny of art and the rise of that nihilism that, according to Heidegger’s formulation, is in no way a historical movement like any other, but which, ‘thought in its essence, is... the fundamental movement of the history of the West’”. Ibid, p. 27.

³⁶ “The extreme object-centeredness of contemporary art, through its holes, stains, slits, and nonpictorial materials, tends increasingly to identify the work of art with the non-artistic product. Thus, becoming aware of its shadow, art immediately receives in itself its own negation and in bridging the gap that used to separate it from criticism, itself becomes the *logos* of art and of its shadows, that is, critical reflection on art.” Ibid, p. 50. “An inadequation, a gap between the act of transmission and the thing to be transmitted, and a valuing of the latter independently of the former, appear only when tradition loses its vital force, and constitute the

estética, a obra de Zarvos procura o contato com o Outro e o emprego de uma palavra que, trazendo-o para perto de si, num verdadeiro corpo a corpo, possa em última análise transformar as relações sociais.³⁷

Se em *Morrer* tal ataque à estética e suas intrínsecas implicações políticas se dá principalmente através do uso do confessionalismo, do coloquialismo e do circunstancial, em *Zombar* a tais elementos é acrescida uma mais radical diluição das fronteiras entre gêneros e discursos literários. *Zombar* (2004) situa-se na confluência fértil e convulsa do ensaio, da poesia, do biográfico, da ficção, do manifesto e da epístola, mas também da ética, da sociologia, da intervenção e do fazer político, no sentido mais originário da palavra, o do debate entre os cidadãos da *polis*.³⁸ “O resultado”, como aponta Heloísa Buarque de Hollanda na orelha, “é um livro flexível do ponto de vista estrutural e interessantíssimo do ponto de vista da busca de uma estética não canônica, experimental e visceral ao mesmo tempo.” Dividido em várias seções e permeado por pensamentos e análises sobre a história do Brasil, acontecimentos biográficos pessoais e coletivos (a queda de um hotel na rua Buenos Aires, por exemplo), alusões ao mestre Darcy Ribeiro, encontros reais e fictícios com pessoas reais e fictícias, o texto de *Zombar*, sempre pessoal e em tom de diálogo com o leitor, vai da mordaz alegoria do Brasil e suas elites que abre o livro (“Zombar”) às cartas abertas para Arnaldo Jabor (“Cartas sem inocência”) e à Elio Gaspari (“Elio Gaspari”, precedida por uma charge de André Brito com os dizeres, “se você não gosta de política, não siga em frente”), nessa última analisando, comentando, criticando, duvidando, desafiando, com citações e referências bibliográficas, a série de livros sobre os anos da ditadura lançados pelo jornalista, passando pelos excelentes

foundation of a characteristic phenomenon of non-traditional societies: the accumulation of culture.” Ibid, p. 107.

³⁷ Tal possibilidade me lembra as proposições do misterioso pensador americano Hakim Bey, que, num curto ensaio/manifesto denominado “Pornografia” do seu livro *Caos – terrorismo poético & outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad, 2003. Tradução de Patrícia Decia e Renato Rezende, afirma coisas como: “Para nós, a ligação entre poesia & corpo morreu junto com a época dos bardos – lemos sob a influência de um gás anestésico cartesiano.”, “No Oriente, às vezes os poetas são presos – uma espécie de elogio, já que sugere que o autor fez algo tão real quanto um roubo, um estupro ou uma revolução.”, “Se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então alguém precisa cometer os crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo.”, “Os Estados Unidos oferecem liberdade de expressão porque todas as palavras são consideradas igualmente insípidas. Apenas as *imagens* contam...”, pgs. 31-32

³⁸ Em 2009, Zarvos publica sua tese de doutoramento na PUC-Rio, *Branco sobre branco*, ampliando as fronteiras normalmente aprovadas pela academia, unindo memórias, depoimentos, desenhos, teoria e ficção, entre outros gêneros (incluindo também um DVD sobre o CEP 20.000 dirigido por Daniel Zarvos sob a orientação de Guilherme) como mais uma estratégia de consolidação de sua escrita pública.

“Resistência”, “Cartas de amor” e “Poemas soltos”, que em prosa e verso surpreendem por seu grau de lirismo e questionamento existencial, muitas vezes beirando o kitsch e a auto-ironia: “Foi decretada, ontem, a morte do poeta fulano de tal. Os presentes gritaram vivas quando foi decapitado. Seu último desejo, pediu de quatro:—Dar uma chupadinha no peru do Claudinho.....” (p. 146). No posfácio, Zarvoleta reitera o caráter político e dialógico do livro, sua crença na sinceridade (“Olhar com sinceridade e entender a sinceridade do outro”, p. 194) e o caráter alegórico de “Zombar”: “os personagens do livro estão espalhados por cada uma das cidades deste país que não ama o seu povo” (p. 196). Mas é na conclusão do extraordinário poema “Amanhã vou ao fórum” que o Guilherme Zarvos desvela no âmago da sinceridade a função inaugural, geradora e revolucionária de sua palavra poética, lá onde a poesia representa o vir-a-ser do poeta, sua voz, seu próprio corpo liberto:

Matei minha mãe e pai o país inteiro
Depois da prisão me recuperei
Já julguei e absolvi
A liberdade me foi dada pela palavra escrita

SELEÇÃO DE POEMAS

JURAS DE AMOR

2

Mais de três décadas 1957 mais de duas décadas 1968. O ano 2000 era longe! mais próximos os bombardeios da 2º Grande Guerra. O medo da convocação – Não vou de jeito maneira. não vou crescer. pulo logo a reservista. Ano 2000. Vou ter 42. Não vou a guerra alguma – inalcançável tempo do século que vem. Menino muro-muro no jardim angustiado. Sempre tufos. grama. aparada ou esquecida sempre pensamentos... e agora chegando. Ano 2000(!) Após ano 2000(!) Para lá do milênio(!) Parece – perene – acostumo estar em paz. Os barulhos da cidade já não intumescem lábios. as risadas em esbaldes – som noturno monocórdio zoom bares – não amplificam. no gozo de ler e escrever retorno à infância à adolescência: Prazer ver. Formas. controlar desespero. Dormir e depois. sonhar e depois sonhar... e acordar no balanço das palavras. embalo. eu de nino. Harmonia -- ler escrever dar uns telefonemas. captar angústias. sinalização do externo. O Outro: relevar. Voltar ao lerescrever do fluir raciocínio. Mesclar escrita papel tateando prazer sóbrio em foz de aniquilamento. transformação. esvaziar o azul da caneta. pleno contato com a ExperientiaÇão – a palavra. Composição sensorial: Que sob a capa do álcool resiste atrofica: lucidez.

4

Fui volto. Saí. quatorze horas de janela fechada. coração abrandado. Passos. rua de luz de poste. aprendiz. passos. Acuidade. suporte de corpo. peso da nuca. desaprumado. Não bebi. bobeio com amigos. bar. estranho. gente. mesmo de ontem de anteontem. a praça as lajotas o céu. cores marinho. papeamento minguido. volátil. estranho. retorno à casa e leio. envolvo palavras. que não há sono nem gente. remédio. a bula diz tiro e queda. hipnótico. pedra na língua garganta esôfago até dormir. E no cérebro atinado de presta atenção o silêncio zoa. o som da máquina. contínua. já tive medo da loucura. o psiquiatra acalmou na

fala que não se fica louco porque quer – experimente parar de beber. Crescerá – parei, força de segurar juízo. Dois dias. A cidade grande. enorme. Rio. e ônibus passando e carro passando. Zum. som que se mistura ao silêncio metálico. da noite de casa, não durmo. outra pedra dissolvendo na língua. Espelho tacha testa inchada. corpo inchado. década encharcada. pensava. que iria morrer e iria parar. e até hoje não sei se fui tão próximo que não adianta parar. cipício.

5

Na riqueza no esmero da sobra de prata. derretida por mãos lânguidas. escorrendo gotejada no chão. um detalhe. Da noite marfim faísca. da calva de trinta e tantos anos. do sorriso amarelo de cada dia. paco de chão clamando por São Lucas Pedro por são qualquer. e foi no dia seguinte quarta quinta noite atordoado sem álcool – sete ninos anos primeira comunhão – espessa claridade da janela aberta. noite. na ponta da ponta da língua. orvalhado anjo torto. voz lancinante. Aviva. e pensamentos Sou. fragmentado. Zumbido. Colméia. zuido em movimento eletroacústico. quinhões(!) imploro (!) intermitência zerada. já foi palavra: Espessura. Ato.

6

Quando é chamado de senhor e gosta. retirada botas de bolha da sola. falar do inacreditável. da maravilha. sem tempo. de dor. de ausência. catártico fio flor – seqüência de letras e espaços. beijo bola. simples. tamanha estrutura, singelo recato. Sáfios(!) tropel irreprimível. bastão d'água. clarividência da água da onda. é som. lúcido(!) e forma dançando no fundo. da forma. poetiza (ção). bailar em pólvora seca. em mergulho de sete dias atormentados. ritmo frenético. insuportável fala. Consciência de precisão dita. do inevitável. luz. Ar, dez anos encharcado(!) Placidez azul inverno e bruma. fio fluido. Arroio espaço geométrico linhas sobrepostas. Extensão *leváderranl*(!) ponto. parágrafo. dois pontos. vírgula. ponto e a variação do calor e frio. Testamento. palavra em espedação. dentestrincados. suor no bico do peito. plim. gota. plim. ninguém morre de louco. Véspera. Lindos. e noite e estrela e mar e espuma. pazzolini tão cedo defenestrado(!) metido a santo e aspiro palavra. Revelação. Descobrir estátuas neoclássicas. porvir. mortalha inquebrantável. Vítreo gotejar de todas –

tun, plan. tan. tum. tim. tan. tom. plum – azuis. de tempo de criança: dissemine(!) filhos abissais. que horas vou dormir? experimento. além túnel. a leve penugem castanha do seu brinco e brilho de olhos azuis. transparência. queria morrer. amanhã não vai ter festa. deslizar furtiva cor. iguarias (?) por que não posso amar?

(Ensaio de Povo Novo, 1995)

HENRIQUE

Ele era branco. A camada de tinta sobre a tela. A primeira segunda camadas de tinta brancas sobre a tela. intacta. Ele era branco. O rosto pretensiosamente masculino. Francês pernas finas com músculos de corrida. O short e a camisa brancos. Olhei me olhou. Tantas vezes. O número que supera desculpe-me, ou você está me olhando porquê. Ele era francês perdido no vagão do metrô. Eu sou do Rio. Cada um media a liberdade e o espaço. Foram poucas palavras. Não era de palavras. Sem retórica. Eu não falo francês. Seu olhar pretensioso aborrecia-me. O corpo muito belo. Quase todos os machos sabem que os rapazes atraem certos homens. Poucos são inocentes. As mães nunca são inocentes. Os pais raramente são inocentes. Os adultos poucas vezes não sabem que rapazes atraem muitos homens. Isso é repugnante! Os homens riem dos homens que deixam transparecer atração por rapazes.

O francês era belo. O buço do francês era belo.
Os poucos pelos da coxa do francês de pernas finas
e musculosas eram belos. Ele me olhava. Olhava para ele.

Deitou na minha cama sem palavras. Seu
corpo era magro e musculoso. Intumescido o
membro era pequeno. Aparentava fragilidade. En-
volto em pelos finos como seu cabelo seus ombros
seus músculos. Branco foi a imagem que
restou. O ventre branco espargido de esperma
que escorria ou gotejava aqui acolá - o quadro
final: o silêncio do branco e o cheiro de homem
que enjoa ou agrada a muitos homens - quadro
insólito. O francês vestiu a camiseta e o calção
brancos e apertou minha mão. Saiu em silêncio e
o cheiro que impregnava foi pela janela. Como são
brancas as nuvens!

(Mais Tragédia Burguesa, 1998)

TÚLIO DE BIZÂNCIO

A transparência dos cílios marrons de Túlio - posse e
protegido de Tibério, deixa que o brilho das pupilas
marrons da pele bege de Túlio - amante de Tibério,
enfeitice. Fui enfeitizado. A transparência de seus cílios,
asas de borboletas marrons, me perturba: quisera-me
pintor para celebrar de maneira mais digna a transparência
de seus cílios marrons que evocam um lamento. Não sendo
músico - o que trai a alma - nem pintor, escrevo: foi-me

dado por Deus esta única artimanha de louvor. Utilizo-a procurando a mesma leveza com que a ponta dos meus dedos caminham, evocados nos sonhos, pelo corpo de Túlio e quando toco em seus cílios e eles em reflexo fecham tímidos meu corpo bege ata em seu corpo bege: de leve beijo seus lábios beges de sobressalto. É assim a idade dos dezoito, talhada para o desejo, anunciada por poucos anos. Túlio entrou na vida de Tibério aos quatorze. O velho sábio lhe prumou os músculos que serão entregues em breve a uma das preferidas. Será um casamento memorável. Ah, Deus, agora único, me possibilite, antes da última aurora bege da celebração anunciada, que Túlio me queira. Não macularei a honra de Tibério nem a da futura preferida. Guardarei segredo, nas penas, sobre esse amanhecer que fará dois corpos beges iluminados pelo bege da aurora, pelo marrom da transparência dos cílios de Túlio se amarem: dois pares de olhos marrons se tornando cúmplices.

(Mais Tragédia Burguesa, 1998)

THOMAZ, O IRLANDÊS OU AS YOU LIKE IT

Lua cheia que é hóstia
me perdoe porque apanhei
de me agachar no chão protegendo
a cabeça e meu pai com os punhos
cerrados golpeava-me gritando que
eu nunca seria nada e que ser
viado é punição de Deus e
aos dez anos eu já não chorava
mas doía tudo nessas sessões que

se não eram mensais pouco
mais se alargavam. E minha
mãe nunca estava presente e quando
retornava enquanto me passava
algum remédio dizia que desta
vez ele havia exagerado e que
eu exagerava no choro e eu não
estava chorando. Já sabia aos 10 que era
diferente, e os garotos mais velhos me
enrabavam dizendo que eu parecia
uma mulher. Me compravam até
algum presente, mas na frente dos
amigos, nem me olhavam, já que eu
parecia uma mulher e na cama en-
quanto me enrabavam repetiam que
eu parecia uma mulher. Todos eles
estão casados, e filhos, no máximo
me dão oi e querem esquecer que algum
dia me acharam parecido com uma mulher.

Thomaz tem raiva de seu nome de apóstolo, fuma aos dez, se
droga aos 12, cadeia aos 15 aos 18 hospital aos 20 sai de
Nova York, deixa para trás seus amigos pirados, a roupa punk das
centenas de brigas e só carrega a mágoa de que ainda se
acha parecido com uma mulher. Thomaz é o mais duro dos
rapazes de sua área. É um terror com a faca na mão.
Thomaz em São Francisco tem vida de putô. Vive do
que recebe em favores. Se for necessário troca suas roupas
de punk e veste-se de mulher. Thomaz tem 22 anos e
está perto da morte. Thomaz se injeta.

(Mais Tragédia Burguesa, 1998)

VERDE

Se eu morrer amanhã que se salve a poesia ou que me salve a poesia e não estarei morto amanhã. Minha voz e as letras – como é preciso o encaixe das palavras – que dão sentido e, na busca, o encontro do que é estético ético do que é sintonia. Não vaguei neste mundo besta à toa, se bem que é bom vadiar. Vadie. Se na volta da mesa toalha de cânhamo e vaso deixei vagar pensamentos e cheiro e sabor: como gosto de você. E procurei ajudar outros vadios, em precisão maior que a minha, pois há retorno na camaradagem. Sou de um grupo de semente vândala, de esparramante coração. Assumido vagabundo. Sinto falta de você. E lá se vão anos e gente de todas as vidas. Vi venderem a peso de ouro copeques sem valor. Fui passado para trás com um sorriso vago. Era vantagem. Vendo o sorriso vago de quem vendia. Não sou vítima. E cada disso com sentido: eu amo ser humano que se aventura... contudo vem agora cansada do vago, ventríloquos, vociferação. Já sinto sono no meio da volta. Este teatro eu vi ontem. E não que valha apenas o versado. Mas vai chegando a velhice e devagar cedo ao vigor do vento. Continuo amando o que é verde... ver-te vou indo ver.

(Mais Tragédia Burguesa, 1998)

THEREZA

Visito minha mãe no Jardim Botânico
Faz 2 anos que ela morreu
Parece que faz uma vida
Tenho tanta saudade
Das conversas
Do úísquinho, até do barulho nervoso do gelo

O excesso de uísque ajudou a matá-la
Pena que os excessos matem
Já conheci quem morreu de amor
De excesso e falta

A árvore que eu e minha irmã escolhemos para depositar suas
Cinzas não têm nada de excepcional
É uma Tiliaceae da Malásia
Ela me parece velha
Foi um descuido espalhar as cinzas numa
Árvore que pode tombar logo
Mesmo antes da minha morte
Me parece um canto agradável
Ela deve estar contente no céu
Estou aqui na terra

Depositar cinzas de cremação no Jardim Botânico
É proibido. Tirar fotos de casamento pode
Imagino se todos depositassem seus mortos no
Jardim Botânico assemelharia-se ao Ganges
Todo humano deveria passar uma tarde
Olhando uma cremação no Rio Ganges, na Índia
Depois de por fogo no morto, com a presença da
Família, com um pedaço de pau dilacera-se os
Ossos e o crânio que são muito resistentes ao
Fogo. Tudo é calmo e sagrado. As cinzas vão para o rio

Minha mãe não sofreu muito ao morrer
Eu e minha irmã ficamos contidos. Nossa família é
Assim. Fatalista. Já me falaram que é um resquício
Aristocrático. Sempre nos orgulhamos da

República. Em volta da Tiliaceae nasceram cogumelos
Cada vez que visito minha mãe tem novidade
Em volta da árvore. Minha mãe está sempre
Presente e o chão sempre apresenta surpresas
Os cogumelos formam um ajuntamento como uma ninhada
Do meio salta uma flor! É da raça das Therezas.

(Mais Tragédia Burguesa, 1998)

Grita, garota, grita, uiva que nem uma demente, sentada
De madrugada, no chão de uma esquina do Leblon:
-- Você se lembra? A Roberta era hippiezinha. Mudou tanto.
Agora ela é clubber. Ela andou tomando muito e de
Tudo. Andou se picando.
Grita, teenager. Seu namorado está sem camisa, trocando
Abraços com um outro, e eles não querem dividir com você
O pó. Ou será apenas uma artimanha? Eles vão te deixar
Entrar na órbita deles, com seus corpos delineados expostos
Na noite do Leblon, e você, que não pode tirar sua blusa,
De noite na rua, e mostrar os seus peitos empinados, se permite
Gritar com as pernas abertas cobertas pelo vestido comprido,
Que nem uma louca amarrada num poste. Você não gosta dessa
Brincadeira macabra a três.

(Morrer, 2002)

Calma, Zarvoleta, Zarvoleta, calma. Por um minuto perdi o fio da meada, fiquei sem razão com a pressa da minha defenestração, pois me imaginei num parque florestal, fiscal da natureza, convivendo com castores e perdi a vontade de ir. Quis ficar. Aquietei a

esperança de que não virá tédio e solidão, de que esquecerei os chamados da glória do Baixo Gávea, de que só visitarei o Rio vez em quando, de passagem, hospedado num hotel do Catete. É isso, é tudo conversa, cão, não preciso de computador e de publicar livro, posso passar dezenas de verões num montanha num parque em Minas Gerais, ou será na Bocaina, não ler jornal e esperar sem qualquer pressa a minha morte ou a explosão da última guerra nuclear.

(Preparativos para a minha mudança para a Bocaina). Não vou levar o laptop, apenas papel e caneta, vai um óculos escuro e o óculos de trabalho. Os livros chegarão devagar. Cada um lido e fichado e os que restaram no Rio, seguros na casa de alguém, serão visitados ao largo. Não terei insônia, vou levar meus remédios, o Paulo virá me visitar e talvez não seja como na vez em que alugamos um chalé em Lumiar, no meio do mato e ele, já na primeira noite, se viu com seus fantasmas uivando e entediado disse que ali não ficava. Vai ser eu quem baterei o pé, proclamando que fico, como solução extrema para minha sobrevivência sem grandes recursos e sem medo da velhice.

(Morrer, 2002)

Quando eu morrer vai ser assim: os melhores amigos telefonando entre si: – O Guilherme morreu –. Não vai ser uma grande surpresa. Já não serei tão novo. Espero que não seja esquecido três dias no apartamento até que o cheiro identifique minha morte aos vizinhos: – O Zarvos morreu! – Aí vão lembrar de várias das maluquices e dos afetos que me permiti. Não vai haver tanta tristeza. O meu tempo já é cercado das probabilidades da morte. Não vou infeliz. Vou como se apagasse a luz.

Diferente da angústia que cresce tanto que deito na cama e enrolo o edredom tentando tapar a dor no buraco do estômago ao ouvir a notícia da morte de uma menina caída da mureta da janela do seu quarto no sétimo andar. Minha morte não é nada se comparada com a despedida de Paula, ainda moleca, aos 18 anos.

(Morrer, 2002)

E tem dias das borboletas, mesmo quando aparece só uma, azul, das grande, e quando o sol a ilumina, manchas pretas aparecem, ou então, a outra, a amarela vibrante! As borboletas, com vidas tão frágeis, trazem alegria para o mundo. Assim espero que os Zarvoletas também; pululem, algumas vezes até em ritmo de orgia. Os Zarvoletas, bichos estranhos, também amam! acho que como coelhos, esquilos e esses outros roedores indisciplinadamente propagadores da espécie. Mas por favor, não matem todos os Zarvoletas, pois tem até gente Zarvoleta: provavelmente todos os Zarvoletas são gente ou um simulacro humano – espero que mantendo algumas das qualidades que o homem deve observar nos animais. Como na borboleta abrilhantando, como no esquilo procriando. Como numa mulher e num homem dando à luz.

(Morrer, 2002)

PRA LÁ DOS 70

Envelhecendo com dignidade, convivendo com as Doenças, seja a diabete, que deixa minhas pernas Negras, o coração de mudanças de ritmo e de humor, O pulmão com água. Envelhecendo e esperando a Morte. Sem revolta. Comendo de tudo. Tudo é Proibido. Sonhando com viagens que não posso Executar. O médico manda exames, às vezes os Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário Canetas, relógios, fotos da família, contas já pagas e Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou Mais por dia. Se estou com raiva não olho a Prescrição. Esqueço. O que mais pode me acontecer Morrer? Já nem sei o que é isto. Estou tão próximo

Da morte que ela já nem existe. Estou dentro do
Enlace da morte. Eu quero é que se foda. Desculpem-me.
Envelheço com dignidade.

(Morrer, 2002)

Essa raiva que me impulsiona a viver desejando a morte –
os olhos de Maiakovski tinham a garra e a certeza de um
pulso à morte. A elegância de Maiakovski que se matou
manchando com apenas um círculo de sangue, em torno
do coração de pura pulsão, sua camisa branca e folgada.
Viver sem indagações estéticas é impossível. O belo e o
feio oprimido. O desejo. As impossibilidades.
Grita o infantil: – Odeio a beleza. Odeio reverenciar. Odeio
me tornar escravo. Odeio não conseguir deixar transbordar
a pulsão da plenitude. Estou farto. Porém, ainda não é a
hora da flor d peito – a última manha vermelha produzida
por uma bala delicada.

(Morrer, 2002)

Quisera-me normal. Sem vícios. Um bom
dono de casa. Numa cidade tranqüila de um
país tranqüilo. Mulher, um casal de filhos, a
menina para ser mimada, para que eu venha
desaguar no choro quando ela tiver o seu primeiro
filho. Ou será o primeiro neto, de
qualquer um dos filhos, que me arrebatará?
Quisera-me menos fodido, menos anti-social,

sem beirar sarjetas, eu, sujeito educado, com
amigos de afazeres invejáveis.

Quisera-me velhinho contando histórias para
os vizinhos.

Não vou negar: dar o cu, pesa-me na alma.

(Morrer, 2002)

Conatus – vim, vi, venci, vivi. E a paixão?

A eternidade é ausência de tempo.

A potência de um efeito é definida pela potência de sua causa.

(Zombar, 2004)

ELE (para mim)

Foi decretada, ontem, a morte do poeta fulano de tal. Os presentes gritaram vivas quando
foi decapitado. Seu último desejo pediu de quatro: – Dar uma chupadinha no peru do
Claudinho. – Após deixaram o corpo no canto partiram para cima de uma adivinha. Ela foi
morta a facadas gritando: – Eu sei o futuro de cada um. A morte após a minha.

(Zombar, 2004)

AMARELO

O amor de que fala Zarvoleta Amor do poeta

Encarcerado no Pinel Na sua histeria

Jogaram meu amor na enfermagem

Trancaram a porta

Os cabelos amarelos do meu poeta estavam sem brilho
Meu cavalheiro cercado por lúmpens
Tão pobres tão pobres
Ele tinha esquecido do que era a enfermaria do Pínel
A melhor instituição pública para os insanos
Eles denominaram de sofredores mentais
A família os quer lá no quadrado do demo
País de bastardos tratando meu poeta e seus colegas
De quarto como matéria em detrito
Abençô todos os humanos que foram trancafiados
por pertubar
A paz. Como vai seu vizinho?

(Zombar, 2004)

TÁ LIGADO

Sentado no som da cigarra na sombra do flamboyant
Olhando para um buldogue branco criança
Com cara de criança, com língua vermelha e
Arfar infantil começo afinal a entender o
Porquê do desejo de vida dos velhos que temem
Que querem até o final

Posso ter passado do limite que limite
Qual o tamanho do limite ou do
Precipício qual o tempo que tempo
Não existe regra a não ser no espírito
Não existe espírito a não ser na regra

Que cada um cria e cria um limite

Sempre a vontade foi ler escrever e
Sentir cigarras e cachorros algumas
Formigas e sombra do flamboyant
Sempre o desejo de esquecer a cidade
Os cartazes iluminados e as risadas fatais
Demorou, demorou, é custoso entender

(Zombar, 2004)

AMANHÃ VOU AO FÓRUM

O tempo calmo de um botequim de Del Castilho
O xerox 5 centavos faz o livro nascer barato
E do carro ganho com o suor do último dinheiro
Que meu pai guardava em moedas de ouro num banco Paulista
E que herdei do primogênito de uma família cigana
De uma família de loucos de gentis e raparigas sacanas
Eu também sou do país dos Mourões
Também assassinei e dei abrigo a miseráveis

O tempo claro de um domingo na Zona Norte
Faz-me lembrar dos que foram e dos que virão
Eu que acreditei em Deus um dia
Que acreditei no mal com alegria
Que não me importo com rima pobre
Juntando beleza e nobreza e benfazeja e
Alegria: alegria gera alegria

E da pobreza das redes das terras dos Mourões da serra do Siará Grande, e dos engenhos já maiores de Pernambuco Velho dos engenhos

Gigantes do açúcar industrial

E da sombra da mangueira verde quase musgo

Aonde aprendi que ler era mais importante que viver

Que viver era mais importante que morrer e que de viver

É que vivem os livros

E fui embora. Abandonei o silêncio cheiroso das mangueiras verdes das mangueiras chamuscadas pela geada agora cinza e amarela

Abandonei meu pai e as mangueiras centenárias eu

Que do país dos Mourões abandonei meu pai Mourão

E sua brutal macheza. Fui para São Paulo virar veado

Fui para o Rio de Janeiro virar veado fui para Copacabana

Amsterdan Cairo e São Francisco misturar pau e drogas

E nunca mais olhei para o país dos Mourões e fui

Abandonando os machos e enrabando os machos

amando e me afastando das mulheres e desprezando o

espetáculo fácil e a fragilidade das paixões

Fui descobrindo o amor, a construção da

Política de da crença no futuro. Abandonei as

Mangueiras cheirosas de verde musgo um dia

Invadidas desapropriadas em nome dos Sem-Terra

Ainda não sabia que o país dos Mourões desmoronava

Apenas senti a tristeza pelo chão vermelho de terra que perdera. E engoli mais uma perda.

Fui para São Paulo perder a facilidade do dinheiro. Fui ao Rio de Janeiro viver sem desejo de posse e de rumo

Era a poesia que gritava seus encantos. Nunca achei

Que viver valia. Vida têm os outros. Eu tenho ouvido

Para a vida que faz poema

É domingo de tarde no centro de Del Castilho
Nada é castigo sou orgulhoso do homem que me fiz
Do carro que faz o mundo do humilde que sabe tanto
Eu criador do universo tão forte quanto Deus
Eu que criei Deus e distribuí riqueza
Eu tantas vezes eu ajudei a diminuir fome e tristezas

Sou da família dos Mourões
De Ursula, Gonçalo, Lea, Gerardo e do menino Tunga
Eu pai de Guilherme, Michel, Tarso, Botika,
Vítor, Paulo, Rod pai de tantos guris, pai de
Isabella, Joana, Gisah, Tatiana, Francesca, Sonia, Betina
Luciana de tantas raparigas em fogo e flor
Eu macho Mourão resolvi viver de vida.

da boca saiu meu sexo
minhas certezas da boca nasceram
e ruíram e sorriram. Não
necessito acreditar em nada
tenho a certeza dos criadores

Matei minha mãe e pai o país inteiro Depois da prisão recuperei Já julguei e
absolvi A liberdade me foi dada pela palavra escrita

BIBLIOGRAFIA

CEP 20.000 – Inventário 1990-2000. Edição independente patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura, RIOARTE, Prefeitura do Rio, 2000, e editada por Chacal, Guilherme Zarvos e Michel Melamed.

Cepensamento 20000 (número 1). Rio de Janeiro: Azougue editorial e CEP 20000, 2005. Organização: Guilherme Zarvos.

AGAMBEN, Giorgio. *The man without content*. Standford: Standford University Press, 1999. Tradução de Georgia Albert.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Tradução de José Carlos Martins Barbosa/ Hermerson Alves Baptista.

BEY, HAKIM. *Caos – terrorismo poético & outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad, 2003. Tradução de Patrícia Decia e Renato Rezende.

BOSCO, Francisco. [Depoimento] em *CEP 20.000 – Inventário 1990-2000*.

BOTIKA. “Cep 20000” em *Cepensamento 20000* (número 1).

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Impressões de viagem – cpc, vanguarda e desbunde: 1960/70*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____ (Orelha, sem título). ZARVOS, Guilherme. *Zombar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

CHACAL. “O CEP é um centro” em *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*.

COELHO, Teixeira “Pós-modernidade: ‘paradigma de todas as submissões?’” em *Moderno pós moderno*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

COHN, SÉRGIO (org). *Nuvem Cigana – poesia & delírio no Rio dos anos 70*. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução de Mauro Sá Rego Costa

_____. *Teoria da literatura – uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de Waltensir Dutra.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos Vol. III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense, 2006. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa.

LANCELOTTI, Domenico. [Sem título] em *Cepensamento 20000* (n. 1).

MELAMED, Michel. “Reflexões regurgitofágicas/ não se fazem mais antigamente como futuramente”, em *CEP 20000 – Inventário 1990-2000*.

PAES, Tavinho. “CEP 20.000 x 15 [acerto de contas]” em *Cepensamento 20000* (n. 1).

PAIVA, Vitor. “Sobre vivências” em *Cepensamento 20000* (n. 1).

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. São Paulo: editora 34, 2005. Tradução de Mônica Costa Netto.

_____. *Políticas da escrita*. São Paulo: editora 34, 1995. Tradução de Raquel Ramalhte.

REZENDE, Renato. “Regurgitofagia – a poesia expandindo suas fronteiras”, caderno *Idéias*, Jornal do Brasil, 11/09/2004.

_____. “Zarvos, a liberdade pela palavra escrita”, caderno *Prosa & Verso*, O Globo, 13/11/2004.

_____. “Boas estréias de um coletivo poético singular”, caderno *Prosa & Verso*. O Globo, 16/12/2006.

ZARVOS, Guilherme. “10 anos de CEP 20.000” em *CEP 20.000 – Inventário 1990-2000*.

_____. “CEP 15 anos” em *Cepensamento 20000* (n. 1).

_____. *Nacos de carne*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *Ensaio de povo novo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *Mais tragédia burguesa*. Rio de Janeiro; Sette Letras, 1998.

_____. *Morrer*. Rio de Janeiro: Azougue, 2002.

_____. *Zombar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

_____. *Branco sobre branco – centro de experimentação poética 20.000 – centro de experimentação pensamento – uma possível rota*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____ entrevista a Mônica Montone. Clube Culturall:
http://www.culturall.com.br/poesia/guilherme_zarvos.asp. s/d.

_____. Entrevista a Sérgio Cohn, Pedro Cesarino e Renato Rezende. Revista *Azougue*, n. 11-14, 2008.